

1239

Planejamento Futebolístico

Rubem Braga

ESCREVO na véspera do jogo Brasil-Portugal, quando ainda é lícito esperar uma reversão de expectativas, embora o ministro do Planejamento, que partiu para a Europa, acredite que um **score** superior a três **goals** deva ser considerado de índole inflacionária.

O ministro Bulhões teria declarado que, para desafogar a situação dos torcedores, estava o Governo estudando a possibilidade de permitir a vantagem de um **goal**; mesmo reconhecendo que isso não é suficiente para tranquilizar os que desejam nossa ascensão às quartas-de-finais, seria uma demonstração de que as autoridades fazendárias não são surdas aos apelos gerais.

Sabe-se que não existe nenhuma possibilidade de vir o presidente Castelo Branco a rever as ordens que deu ao sr. Feola, de acordo com os esquemas Roberto Campos, que, embora torne realmente improvável a consecução do Tri este ano, lançará as bases de uma revisão considerada imprescindível dos conceitos futebolísticos resultantes de uma formulação primária que leva os torcedores a alimentar ilusões incompreensíveis de um tricampeonato precipitado e estranho à verdade esportiva.

Uma política de contenção de **goals** deverá ser seguida, embora isso importe em sacrifícios emotivos de uma parte de população viciada pelas promessas demagógicas dos governos anteriores.

A verdade é que tanto sob o Governo Juscelino quanto sob o Governo Jango, o povo foi iludido pela demagogia barata que, sem levar em conta os interesses permanentes da Nação, acenou às massas com vitórias fáceis na Suécia e no Chile. Os culpados da atual situação são exatamente esses governos, pois se o Brasil não tivesse sido levado pela falácia de dois campeonatos, à situação em que se encontra, estaríamos agora disputando os jogos em igualdade de condições com os demais participantes da Copa, e não seríamos visados pelos dirigentes esportivos de outros países, cuja hostilidade se baseia no justo temor de que fiquemos proprietários definitivos da Taça Jules Rimet.

Tratando-se de um troféu cuja finalidade precípua é ser disputado de quatro em quatro anos, é evidente que sua apreensão pelo Brasil, em caráter permanente, denotaria uma falta de delicadeza incompatível com nossas tradições diplomáticas e os laços que nos ligam à civilização ocidental.

Ninguém ignora que tanto a Alemanha Ocidental quanto a Inglaterra cobçam o campeonato deste ano; desta maneira, a disputa da Copa é um ponto de fricção que devemos eliminar através de uma política austera de evitar **shoots** a **goals**, ainda mais na situação presente, em que uma goleada poderia humilhar nossos irmãos portugueses, ferindo a fraternidade luso-brasileira.

No caso da Alemanha Ocidental, é preciso levar em conta os aborrecimentos que já demos à firma Mannesmann, causando-lhe uma inflação de cruzeiros descabida e condenável, por ter sido organizada através do mercado negro, de modo que o interesse superior de nosso intercâmbio com a Alemanha é evitar outros eventos que poderiam desanimar os grandes capitais germânicos, desejosos de beneficiar o nosso país.

No caso da Inglaterra, basta o fato indiscutível de se ferir o presente campeonato dentro de suas fronteiras, onde, aliás, foram criadas as bases do **football association** tal como hoje se pratica, para nos aconselhar uma política sensata e despida de egoísmos e falácias.

Admite o governo que uma parte da opinião pública possa não aceitar facilmente esse planejamento de sua política futebolística, mas está certo de que, a longo prazo, escalonado por algumas dezenas de quadrifênios, se tanto, poderemos, em bases mais sadias, reivindicar a justa posição de nosso futebol no panorama internacional.

O resto é demagogia, quando não subversão e corrupção.

1917/66

127